

APRESENTAÇÃO

Neste novo número da revista *e-Lyra*, buscamos destacar a relação entre a arte contemporânea, especialmente a poesia, e a realidade atual marcada pelo alto desenvolvimento tecnológico, o que vem permitindo meios cada vez mais velozes de deslocamento e mesmo novos instrumentos de comunicação e divulgação de informações que alteram irremediavelmente as formas de contato entre sujeitos e a compreensão de espaços e tempos. Imersos na visualidade excessiva, submetidos a uma aceleração da vida, como questiona Paulo Virilio, o homem deste nosso presente pode encontrar na produção artística uma forma de desacelerar a vida, quando aceita ser o fruidor do jogo de detalhes e de outras perspectivas que a obra de arte pode constituir.

Consideramos a aceleração a questão fundamental da compreensão do modernismo tardio, a partir dos anos 70, seguindo, nesse sentido, o estudo do sociólogo e filósofo alemão Hartmut Rosa intitulado *Accélération une critique sociale du temps* (tradução francesa de 2012). Trata-se também de pensar como a ideia de movimento (de subjetividades, de paisagens, de culturas e de linguagens) se coloca como tema cada vez mais forte na tessitura lírica de hoje. Para seguir essa discussão, é importante examinar criticamente na produção lírica do século XX e mesmo XXI como se figuram espacialmente as subjetividades ou se definem processos de subjetividade, o que equivale a dizer como os sujeitos líricos percorrem espaços e tempos, partilham memórias, encontros e desencontros, nesta contemporaneidade em que tudo parece ser veloz e descartável demais para se fixar e fazer sentido.

Importa problematizar as subjetividades *em movimento* que se apresentam em poemas que falam do presente e das novas relações entre natureza e homem, natureza e cultura, natureza e técnica. A ideia de movimento acelerado é hoje o motor da vida humana em suas múltiplas direções: técnica e tecnologia, relações sociais, ritmo de vida. O desenvolvimento dos transportes, a velocidade na transmissão de informações, as alterações velozes das referências espaciais e temporais, as mudanças constantes nas relações sociais, vêm provocando importantes modificações nos modos como os sujeitos se constituem e agem sobre seus contextos de existência. Examinar esse quadro complexo da realidade atual é também pensar como a Arte dá conta das perplexidades e das crises que marcam, de forma extraordinariamente forte, a vida presente. No âmbito da Literatura, também a poesia dá a ver esse questionamento e, sendo uma especial escrita de subjetividades, é espaço propício a figurar, desfigurar e configurar diferentes olhares sobre como habitar as cidades, como viver singularmente na massa de desejos e de consumos que instituem pseudo-identidades sociais e culturais, num ritmo desumano.

Este número reúne assim diversas leituras de poesia que pretendem, de uma maneira ou de outra, pensar a questão, sob vários pontos de vista. É privilegiada a poesia contemporânea, que permite textos que pretendem ler desde o ritmo em Herberto Helder até a relação da poesia com a veloz cidade de São Paulo. No meio deste caminho, o cinema, o feminino e outras problemáticas que se aproximam da velocidade, com suas consequências muitas vezes implacáveis, ou da resistência à velocidade. O poema que vem junto às leituras críticas, ele próprio, propõe um ritmo, uma especial velocidade.

Este conjunto de artigos, ao levantar diversas hipóteses e pontes e ao pensar a questão central proposta de modos tão variegados, vem contribuir com uma reflexão a qual, em nossa contemporaneidade, torna-se cada dia mais urgente: a da versão de humano que poderá surgir a partir de um tempo que se recusa, muitas vezes, a parar e a se ver (e viver) de maneira contemplativa – é nessa vereda que um pensador como Byung-Chul Han pode convocar seu leitor, em pleno século XXI, a repensar a necessidade da contemplação e do cansaço. Aqui, João Miguel Fernandes Jorge conversa com Roberto Piva, Jorge Gomes Miranda com Manuel Gusmão, Haroldo de Campos com a arte cinematográfica, poetas

brasileiros com portugueses, poesia com outras artes, e o leitor com todos os caminhos que se abrem na leitura desta *e-Lyra* 6.

Ida Alves

Luis Maffei